

FAMÍLIAS E EDUCAÇÃO EM MATA CAVALO

SANTOS¹, Maria dos Anjos Lina dos – UFMT – madeanhos@brturbo.com.br

GT: Afro-Brasileiro e Educação / n.21

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Na história dos quilombos no Brasil, nos remete aos locais habitados por escravos fugidos do jugo do sistema escravista.

As pesquisas revelam no entanto, que os quilombos não se constituíram somente através dos processos de fugas. As comunidades negras rurais ou os quilombos contemporâneos, tiveram também outras origens. A ocupação de terras livres geralmente isoladas, heranças, doações, recebimento de terras como pagamento pelos serviços prestados ao Estado, e pela permanência nas terras em que viviam no interior de grandes propriedades.

Em Mato Grosso, foi constatada a presença de negros africanos desde o século XVIII. A história dos quilombos conseqüentemente está relacionada a esse contexto.

Segundo (Siqueira, 1990, p 131), quando foi criada a Capitania de Mato Grosso, com sede / capital no vale do rio Guaporé (Vila Bela da Santíssima Trindade), a entrada de negros africanos tornou-se mais abundante.

Assim, os quilombos foram característicos dessa região, durante o período em que Vila Bela foi a capital de Mato Grosso (1748/1821). O quilombo do Piolho ou Quariterê, é a principal referência da resistência escrava em Mato Grosso.

E na região do município de Nossa Senhora do Livramento, foi constatada a presença de escravos, desde a época da descoberta do ouro às margens do ribeirão dos Cocais e regiões circunvizinhas.

É nesse contexto que origina a história de Mata Cavallo.

O quilombo Mata Cavallo encontra-se aproximadamente acerca de 10 km da cidade sede do município na rodovia MT- 060 aproximadamente a 50 km de Cuiabá.

A pesquisa tem por objetivo, o resgate da memória coletiva das famílias e de suas lutas para assegurar seus direitos e garantir a escolarização de seus filhos.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Mato-Grosso e Pesquisadora do NEPRE - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação.

Além da luta pela para assegurar suas terras, a preocupação com a educação formal na comunidade, remonta aos primórdios de sua liberdade, no final do século XIX.

Ao receber a herança, já condição de pessoas livres, luta agora é para vencer os preconceitos de uma sociedade racista, hierarquizada, e para assegurar seus direitos sobre as terras.

Sua história é marcada pelas lutas constantes de homens e mulheres em prol da sobrevivência material e cultural do grupo, bem como a luta pela manutenção de seus direitos territoriais. Os relatos de violência contra os moradores, são registrados ao longo de sua história da escravidão aos dias atuais. Os quilombolas foram e continuam sendo alvo dos desmandos de fazendeiros e da omissão do poder público.

Os descendentes são herdeiros do território onde vivem. Pois historicamente, nenhuma terra foi legalmente destinada aos escravos e a seus descendentes. Porém houve ao longo do período escravista, alguns senhores doaram terras a libertos e descendentes, por prestação de algum tipo de serviço. E também escravos que ocuparam as propriedades falidas de seus antigos senhores.

Mata Cavalos integra um destes aspectos da história fundiária do Brasil. Eles receberam as terras denominadas Sesmaria da Boa Vida, da senhora Dona Anna da Silva Tavares, no final do século XIX.

Na qualidade de testamenteira aos 15 dias do mês de setembro de 1883, D. Anna da Silva Tavares registra no cartório de Livramento escritura ratificando o testamento aberto de seu marido. Na mesma ocasião, afirmando ser possuidora de uma parte do ribeirão denominado Mata Cavalos, com suas vertentes, a senhora Anna Tavares faz doação dessa parte da sesmaria Boa Vida a seus escravos, inclusive aqueles que se libertarão por ocasião do inventário de seu marido, finado Ricardo José Alves Bastos, tornando-os assim proprietários de terra em Livramento. (BANDEIRA, p:11)

Nessa nova trajetória, sob novos sonhos e perspectivas, novos desafios serão enfrentados pelas famílias, na manutenção da vida material e na educação de seus filhos. Ao saírem da condição de cativos, a luta agora é para vencer os preconceitos de uma sociedade racista, hierarquizada e para garantir seus direitos sobre suas terras.

Conhecer o legado cultural dos habitantes da comunidade, preservado ao longo das gerações, é o reconhecimento de sua história através da memória.

As sociedades tradicionais empregam largamente esse recurso na sua sobrevivência ao longo dos séculos. Para HALBWACHS, “a memória não é só um

fenômeno de interiorização individual, ela é, também e, sobretudo, um fenômeno coletivo. Sendo a memória uma construção social, a memória é em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais”.

Nas sociedades tradicionais o conhecimento era transmitido de geração a geração por meio do convívio, da escuta, da observação, e da imitação. A sociedade contemporânea brasileira, abriga ainda vários grupos que apresentam características marcantes das chamadas sociedades tradicionais. Entre elas as nações indígenas e as comunidades negras rurais ou quilombolas. Essas populações, conservam seus saberes e suas identidades ao longo dos séculos através da tradição oral.

Mesmo com a implantação de escolas nessas comunidades, a oralidade ainda é valorizada pelos seus membros. Para LE GOFF, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, reenvia-nos em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas.”

Porém a memória do negro no Brasil sofreu várias distorções ao longo da história, em decorrência do racismo.

Em relação a essa questão Nascimento (1980, p, 247), afirma que a sociedade brasileira dominante criou formas sistemáticas de apagamento e negação da memória dos afro-brasileiros. “nunca em nosso sistema educativo se ensinou qualquer disciplina que revelasse algum apreço ou respeito às culturas, artes, línguas e religiões de origem africana.”

A oralidade desempenhou relevante papel de guardião dos valores histórico-culturais do povo negro no Brasil. Ela permitiu a reelaboração da cultura afro-brasileira, a partir do convívio de pessoas portadoras de diferentes culturas africanas. Isso propiciou um sentimento de pertença entre seus descendentes, apesar dos esforços do poder instituído em promover o esquecimento.

É preciso recuperar a memória dos descendentes de africanos, em relação à história da África, e sua grande contribuição no processo histórico brasileiro.

Na opinião de Paul Ricoeur, “a manipulação da memória, ou seja, a utilização deliberada do esquecimento, se opera através do caráter seletivo da própria memória.”(apud in SILVA p, 8 2001). Em relação ao negro, a busca pelo passado histórico dos descendentes de escravos de Mata Cavalo, possibilitados pelas narrativas vivenciadas

ou herdadas dos antepassados, permitirá compreender os conflitos históricos vivenciados por eles no presente.

Por meio do registro da história de vida dos indivíduos, “que ao focalizar suas memórias pessoais constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem.” MINAYO (1999).

É preciso entender os caminhos percorridos pelos sujeitos na elaboração de sua cultura e formação de sua identidade.

A população de Mata Cavalo está dividida em seis comunidades formando os núcleos habitacionais de acordo com as relações de parentesco. Conforme evidência contida na informação de um morador, essa forma de organização tem por base os laços afetivos entre os familiares, e não necessariamente uma estratégia consciente de ocupação territorial.

As famílias são distribuídas com base nos critérios de parentesco e as comunidades são subdivididas em com outras denominações para possibilitar a localização exata das famílias. É uma lógica de divisão interna estabelecida pelos próprios moradores, para a localização precisa e imediata de todos, porém essas subdivisões não constam no mapa oficial do quilombo. Algumas dessas comunidades se encontram quase despovoadas, devido aos processos de invasões e despejos sofridos em suas terras nos últimos anos.

Muitas famílias foram para outros locais na área do quilombo, e outras foram embora em busca de melhores condições de vida e estudos, nas cidades próximas.

A preocupação com a escolarização dos filhos sempre fez parte da história de vida dos ex-escravos. Conforme depoimento de um morador centenário, seu pai colocou os filhos na escola apesar de todas as dificuldades da época, primórdios do século XX. Naquele período poucas pessoas da comunidade sabiam ler. Apenas uns três ou quatro, segundo o depoente e entre os alfabetizados, não houve nenhum nome feminino incluído no relato.

A história de Mata Cavalo, faz parte da estatística da situação da população negra em relação à educação no Brasil.

A gravidade da situação educacional dos negros aparece de forma gritante, não quando comparamos negros pertencentes a gerações mais jovens, (entre 20 e 40 anos) com outros negros mais idosos (entre 60 e 80 anos ou mais). Estes, cuja infância e juventude estão mais próximos do início do século

XX, padecem de altíssimos índices de analfabetismo. Por exemplo, em um total de três milhões, o percentual é de 70%. Entre as mulheres a situação é ainda pior: quase 90%. (GONÇALVES, 2003, P, 325)

Os desafios enfrentados foram imensos, além da falta de escolas, e de condições financeiras para manter os filhos na cidade, havia ainda os preconceitos no ambiente escolar. Seus filhos eram discriminados, por professores e alunos provenientes de outras origens sociais. De acordo com Bandeira, 1998, “eles próprios reconhecem que antes eram classificados como gente de terceira.” [...] “Como formação social específica, as comunidades não se encaixavam na estrutura social local, eram elementos estranhos”...

Apesar dos entraves, as conquistas no campo educacional, foram significativas para a comunidade. A comunidade conta com escolas desde os anos quarenta por reivindicação dos moradores. Mesmo assim, existe ainda um alto índice de analfabetismo principalmente entre as gerações mais velhas. Hoje a comunidade possui escola, que funciona em local bastante precário.

As são freqüentadas por crianças, jovens e adultos. Há um número significativo de adultos que procuram a escola. Mas apesar de ter escola já há bastante tempo, nem todos tinham acesso à escola, devido à extensão do território. No decorrer do tempo, a comunidade foi conquistando alguns benefícios, como estradas vicinais, e mais recentemente energia elétrica, que possibilitou o funcionamento do ensino noturno para atendimento dos jovens e adultos.

Atendimento escolar em Mata Cavalo

Etapas de ensino	Número de alunos
Pré a 6ª série	53
EJA	71
Total de alunos	124

Referências:

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Antropologia Cultural e Sociedade no Brasil. UFMT. Núcleo de Educação Aberta e a Distância. 1998.

MOURA, Glória. Quilombos Contemporâneos no Brasil. Projeto Afroatitudo-comunicação, 2005.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; et al .O Processo Histórico de Mato Grosso. Cuiabá: Guiacurus, 1990.

BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec,1999.

MUNANGA, Kabengele. Abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Universidade do Estado de São Paulo,2005.

SILVA, Helenice Rodrigues.”Rememoração”/ comemoração : as utilizações sociais da memória. Universidade Federal do Paraná. 2002.

NASCIMENTO, Abdias do. O Quilombismo. Petrópolis: Vozes. 1980.

LITTLE, Paul E.Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.